

Aulas de canto, flauta doce e percussão virtuais no projeto OUVIRAVIDA: um relato de experiência

*Nisiane Franklin da Silva
Centro Universitário Metodista IPA
nifranklin@yahoo.com*

*Daiana Fülber
Projeto OUVIRAVIDA
daianafulber@gmail.com*

*Isac Costa Soares
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
isac_miles@yahoo.com.br*

*Lucas Jum Kinoshita Machado
Projeto OUVIRAVIDA
lucaskino@gmail.com*

Resumo: Este relato de experiência apresenta um breve histórico do Projeto OUVIRAVIDA, que atende com aulas de música crianças e jovens entre 6 e 17 anos na Vila Pinto, bairro Bom Jesus, na periferia de Porto Alegre. Descreve o processo de adaptação e estruturação das atividades de educação musical ofertadas pelo projeto para o formato remoto durante o período de isolamento social imposto pela COVID-19. Apresenta as vivências de seus professores na elaboração e execução de aulas virtuais de canto, flauta doce e percussão, trazendo reflexões sobre os desafios e possibilidades de atuação encontrados como alternativa para enfrentar esse novo cenário. Aborda as ações de sustentabilidade financeira do projeto apresentando os processos de captação de verbas em diferentes frentes de forma simultânea. Finaliza sinalizando para a necessidade de aproveitar essas experiências para auxiliar na elaboração e realização de ações de inclusão no processo da educação digital.

Palavras-chave: aulas de música virtuais; projetos sociais de educação musical; aulas de música remotas.

Breve histórico

O Projeto OUVIRAVIDA é uma proposta de educação musical popular coletiva que iniciou suas atividades no final do ano de 1999. Foi idealizado pelo maestro Tiago Flores a partir da percepção da necessidade de proporcionar às crianças e adolescentes em situação de extrema pobreza e vulnerabilidade social, o contato com a música.

O projeto piloto iniciou na Vila Pinto, bairro Bom Jesus em Porto Alegre, ofertando aulas de música nas modalidades de canto, flauta doce e percussão, para cerca de 250 crianças e jovens entre 7 e 18 anos. A escolha deste local é justificada pelo alto índice de criminalidade e pela extrema carência social. Nesse contexto, o objetivo principal deste projeto é estimular as práticas musicais da comunidade, oportunizando o fazer musical coletivo (execução vocal e instrumental, improvisação, composição e apreciação musical) de forma dialógica, sistemática e criativa, contribuindo para a valorização humana, a construção do conhecimento e autoconhecimento bem como para o exercício da cidadania. Como afirma Kater (2014)

Música e educação são, como sabemos, produtos da construção humana, de cuja conjugação pode resultar uma ferramenta original de formação, capaz de promover tanto processos de conhecimento quanto de autoconhecimento. Nesse sentido, entre as funções da educação musical teríamos a de favorecer modalidades de compreensão e consciência de dimensões superiores de si e do mundo, de aspectos muitas vezes pouco acessíveis no cotidiano, estimulando uma visão mais autêntica e criativa da realidade. (KATER, 2014, p. 44)

Inicialmente o projeto foi mantido pela Secretaria Estadual da Cultura - RS - SEDAC e contava com outras parcerias como o galpão de reciclagem Centro de Educação Ambiental (CEA) da Vila Pinto, local onde eram realizadas as aulas de música.

As ações do projeto tiveram grande repercussão já no primeiro ano e, como prova do reconhecimento, o OUVIRAVIDA foi agraciado com os seguintes prêmios: **Líderes e Vencedores**, dado pela Assembleia Legislativa do RS e Federasul (ano 2000); **Direitos Humanos**, da Assembleia Legislativa RS (ano 2001).

Em 2001, em parceria com a prefeitura da cidade de Alvorada-RS, iniciou-se a ampliação do projeto. Constituiu-se assim, a divisão de responsabilidades para manutenção dessa nova unidade onde, a SEDAC provia as horas dos professores e a prefeitura cedia um coordenador administrativo, impressão de material didático e transporte. As aulas eram realizadas na Capela Menino Jesus do bairro Umbu, vinculada à Igreja Católica.

Em 2004, realizou-se nova ampliação e outra unidade do projeto foi aberta no bairro Morada do Vale III, na cidade de Gravataí-RS. Esta nova parceria formatou-se através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do RS (LIC-RS), com patrocínio da empresa Dana Incorporated e a prefeitura da cidade, pois o apoio da SEDAC havia sido encerrado. No primeiro ano as aulas aconteciam na capela Santa Clara e, posteriormente, na paróquia Santa Rita, na Morada do Vale I.

Em Porto Alegre e Alvorada as atividades foram suspensas no final de 2004 e em Gravataí, no ano de 2007. Foram feitas muitas tentativas para conseguir o retorno do projeto, mas não foi obtido êxito. Apenas em agosto de 2017, com projeto aprovado pela LIC-RS e também pela Lei Federal de Incentivo à Cultura, a empresa DUFRIO tornou-se parceira do OUVIRAVIDA, possibilitando o retorno das atividades. A Associação Missionária Centro São José e a Associação Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, instituições localizadas na Vila Pinto, oferecem sua estrutura para a realização das aulas de música. Atualmente contamos também com o patrocínio da empresa Thyssen Elevadores.

Aulas de música em período de isolamento social

Nesse momento pandêmico em que o Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OMS) determinaram medidas de distanciamento e isolamento social como forma de diminuir a proliferação da COVID-19, as atividades presenciais de todas as instituições de ensino foram paralisadas abruptamente. Surge aí um grande desafio para a área da educação musical que é o enfrentamento da situação de adaptação das atividades educativas de forma presencial para o formato remoto.

Conforme o parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 5/2020 aprovado no dia 28 de abril de 2020,

as atividades pedagógicas não presenciais podem acontecer por meios digitais (videoaulas, conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem, redes sociais, correio eletrônico, blogs, entre outros); por meio de programas de televisão ou rádio; pela adoção de material didático impresso com orientações pedagógicas distribuído aos alunos e seus pais ou responsáveis; e pela orientação de leituras, projetos, pesquisas, atividades e exercícios indicados nos materiais didáticos.

Procurando ficar em sintonia com os rumos a serem seguidos pela educação básica, pois nossos alunos são provenientes de escolas públicas e atendidos em turno inverso, organizamos nossas atividades remotas através do aplicativo WhatsApp. Escolhemos esse aplicativo por ser mais acessível e muito utilizado na comunidade da Vila Pinto. Como afirma Barros (2020, p. 298), “Para o caso de instituições e alunos com dificuldade no acesso, velocidade e confiabilidade da internet, é viável a apropriação dos aplicativos de mensagem instantânea, como o WhatsApp ou Telegram”.

Formamos um grupo geral da comunidade com os contatos dos responsáveis e dos alunos que possuem celular onde postamos informações e orientações gerais sobre as aulas. Após, formamos grupos de aulas por modalidades de instrumento (canto, flauta doce e percussão), faixa etária e o nível de aprendizado musical dos alunos. Nesses grupos acontecem as aulas com dia e horário pré-determinado.

Cada professor posta uma aula semanal em cada grupo e faz um atendimento virtual de 30min, onde fica à disposição dos alunos e familiares para dar orientações e tirar dúvidas sobre o conteúdo abordado. A interação entre alunos, professor e familiares acontece através de trocas de mensagens de texto, áudios, vídeos e materiais de apoio. O material didático elaborado em vídeo é feito com duração de até três minutos para que os alunos consigam baixar em seus aparelhos celulares que, em sua grande maioria, utilizam dados de internet pré-pagos. A pouca memória de armazenamento e/ou a baixa velocidade de processamento dos aparelhos celulares também impossibilita o uso de aplicativos de chamada de vídeo.

BARROS (2020) orienta que em situações de precariedade no acesso à internet, os aplicativos WhatsApp e Telegram são os mais indicados, pois

Boa parte dos pacotes de dados das operadoras telefônicas permite o envio ilimitado de mensagens nesses programas, mesmo quando os créditos necessários para utilização da conexão estão finalizados. Porém, é preciso lembrar que as ferramentas de mensagem instantânea apresentam um limite no tamanho dos arquivos enviados, em especial, os com formato em vídeo, áudio ou foto. Dessa forma, o professor deve ficar atento ao tamanho e duração dos vídeos e áudios compartilhados. (BARROS, 2020, p.298)

Iniciamos os grupos de WhatsApp com cerca de 120 números de celulares de alunos e familiares cadastrados. Desses, a grande maioria visualizava os materiais postados para as aulas, porém um número menor participava nos horários das aulas com os professores. Com o desafio de conseguir uma maior adesão e participação dos alunos, realizamos algumas estratégias para compreender essa situação, diagnosticar e pensar ações de melhoria para esse quesito. Com auxílio da ferramenta Google Documents, montamos uma planilha de controle das visualizações de materiais, presenças, interações e realização das tarefas solicitadas pelos professores. Também realizamos um questionário com o objetivo de conhecer o motivo das ausências e sondar a eficácia de ofertar uma nova opção de horário das aulas. Como resultado obtivemos a resposta que um dos maiores motivos das ausências era o fato de os alunos não terem seus próprios celulares e dependerem dos aparelhos de seus responsáveis que, em sua grande maioria, se encontravam no trabalho. Assim, com o intuito de ampliar as possibilidades de adesão dos alunos, passamos a ofertar aulas também no turno da noite.

Um novo questionário foi realizado com o objetivo de conhecer mais detalhadamente as condições técnicas de acesso dos aparelhos celulares de cada família. Buscamos identificar quais alunos necessitavam de créditos de internet e memória de armazenamento e o projeto passou a subsidiar esses produtos. Também estamos identificando as famílias que não possuem o dispositivo telefônico objetivando conseguir doações de aparelhos usados para esses alunos.

Realizamos Reuniões Pedagógicas virtuais semanais onde discutimos o conteúdo programático de cada modalidade de instrumento, as abordagens metodológicas adotadas e

adaptadas para os meios virtuais, o acompanhamento e desenvolvimento musical dos alunos, observando os pontos fortes e as dificuldades encontradas, com o intuito de acharmos soluções didáticas plurais, inclusivas e eficientes para o aprendizado dos alunos e alunas.

Aulas de canto virtuais: construindo relações de afeto

Sempre soubemos da importância do Projeto OUVIRAVIDA para a comunidade da Vila Pinto, mas creio que, nesse novo cenário de distanciamento social, constituiu-se um redimensionamento na responsabilidade e no afeto que envolvem a relação aluno/professor e os processos de aprendizagem.

Iniciei as aulas de canto elaborando vídeos com canções que instigassem os alunos a cantar. Selecionei uma música para cada turma de alunos previamente separados e organizados nos grupos de WhatsApp. Percebi que havia muita vontade de fazer música entre as crianças e essa atividade se fez presente por cerca de um mês.

Aos poucos fui percebendo a necessidade de conhecer e ser reconhecida nesse novo ambiente virtual de compartilhamento de saberes e fazeres musicais que, de forma inusitada, apresenta os cômodos de nossas casas como cenário e os integrantes de nossos grupos familiares como personagens que podem aparecer e interagir inesperadamente. Um exemplo disso são os bichinhos de estimação. Meu gato transformou-se rapidamente em um “porta voz” das atividades das aulas. Elaborei postagens para anunciar os horários das aulas com suas fotos e fiz alguns vídeos dele “cantando” acompanhado por mim ao piano. Foi divertido e, aos poucos, fui conhecendo mais os cômodos das casas dos alunos através de seus bichinhos de estimação. Isso nos aproximou, fortaleceu nosso elo de confiança e nutriu de afeto e sensibilidade essa nova forma de comunicação e exposição virtual. Sodré (2006) explica que

A dimensão do sensível implica uma estratégia de aproximação das diferenças – decorrente de um ajustamento afetivo, somático, entre partes diferentes num processo -, fadada a constituição de um saber, que, mesmo sendo inteligível, nada deve a racionalidade crítico instrumental do conceito

ou às figurações abstratas do pensamento. (SODRÉ, 2006, p. 11)

Essa experiência de conhecer um pouco mais os ambientes de nossas casas me fez pensar nas sonoridades desses espaços como conteúdo potente para futuros planejamento de aulas.

Baseada em Schafer (1991), propus que os alunos percebessem e anotassem os sons de suas casas. A análise das paisagens sonoras que cada aluno produziu possibilitou a reflexão e o debate sobre os parâmetros do som como a altura, timbre, duração e intensidade. Os alunos demonstraram a compreensão do conteúdo através de seus depoimentos sobre o assunto gravados de vídeos, áudios, mensagens de texto e nas tarefas realizadas.

Outra abordagem importante que essa atividade possibilitou foi a percepção de tipos diferentes de sons e sua categorização em “sons que eu gosto e sons que eu não gosto”. Sons e ruídos! Essa reflexão me fez perceber que, de forma geral, nosso ambiente sonoro está comprometido, porém, a realidade sonora das periferias é ainda mais prejudicada. Nossas crianças são expostas a televisores ligados permanentemente, música em volume alto, sons de motores de carros, motos, ônibus, furadeiras, martelos entre outros. Schafer (1991) expõe que

Os motores são os sons dominantes da paisagem sonora do mundo. Todos os motores compartilham um aspecto importante: são todos sons de baixa informação, altamente redundantes. Isso quer dizer que, a despeito da intensidade de suas vozes, as mensagens que falam são repetitivas e, em última análise, aborrecidas. (SCHAFER, 1991, p. 188)

Assim, para finalizar a tarefa, conversamos sobre como poderíamos agir para melhorar o ambiente sonoro de cada casa. Sugeri algumas ações como desligar a televisão por pelo menos uma hora ao dia e diminuir o volume do rádio. Além disso, aprendemos a confeccionar um sino de vento com sucata. Utilizamos materiais como galhos de árvores ou cabides de roupa para fazer o suporte e caixas de ovo, barbante, brincos, pulseiras,

pedrinhas, anéis de latinha para pendurar e produzir o som esperado quando o vento soprasse. Dessa forma, concluímos que a qualidade sonora dos lares foi melhorada.

As aulas de canto têm se baseado em atividades de musicalização e sensibilização, não sendo prioridade nesse momento a formação de repertório vocal. Percebi que o mais importante é manter as crianças e jovens em contato com a música e fortalecer a relação de afeto, cuidado e responsabilidade entre nós.

A aproximação com os familiares e a orientação para que auxiliem seus filhos na organização e participação das aulas têm gerado resultados positivos. Muitos pais participam das aulas para ajudar as crianças menores a entender o que é apresentado nos grupos de WhatsApp, pois muitos têm dificuldade de leitura e compreensão de texto.

Aulas de flauta doce virtuais: desafios e possibilidades

Os desafios de uma adaptação abrupta de aulas presenciais para o formato remoto são muitos. Aponto inicialmente a ausência de uma estrutura técnica e de equipamentos para realizar a produção de uma videoaula qualificada, bem como a falta de capacitação docente para a utilização de ferramentas de tecnologia. Barrére (2014, p. 86), em uma pesquisa realizada com professores, aponta que “71% deles fazem uso (de vídeoaulas) somente para a sua formação e não para a formação de seus alunos”. O autor complementa que isso se deve “a dificuldade dos professores com a tecnologia e todo o processo de produção das videoaulas”.

Assim, nesse contexto, utilizei meu celular para gravar e armazenar os vídeos produzidos para as aulas e organizei um pequeno espaço em minha casa para executar as atividades remotas. As primeiras gravações foram feitas em meu quarto, mas por conta da iluminação, tive que mudar para a sala onde consegui um fundo branco da parede, o que deixou os vídeos com melhor visibilidade.

Com uma produção de videoaulas semanais, em pouco tempo tornou-se inviável manter os materiais salvos em meu celular devido ao limite de sua memória de armazenamento. Desta forma, foi necessário que o projeto criasse uma página fechada na plataforma Youtube para utilizarmos como banco de armazenamento da produção didática

da equipe de professores.

A edição de vídeos tornou-se aprendizado obrigatório para dar conta das demandas de produção dos materiais didáticos virtuais. Assim, através de pesquisas online, troca de informações com amigos e colegas e experimentações de diferentes *softwares* de edição, novas habilidades foram sendo adquiridas, treinadas e aperfeiçoadas. Para tantos desafios e novos aprendizados foi necessário dispendir muitas horas de trabalho, tornando a atuação docente no formato remoto extremamente trabalhosa, muitas vezes cansativa e, principalmente, utilizando um tempo de envolvimento de grande dimensão.

Outro desafio foi a escolha dos conteúdos e a forma de abordar os mesmos. No primeiro momento tentei manter exercícios que fazíamos com a flauta doce nas aulas presenciais, pois, sempre antes de iniciarmos com o repertório, tocávamos algumas notas longas e exercícios de articulação como aquecimento. Pensei que manter essa dinâmica no formato de vídeo aulas poderia funcionar, porém, percebi que os alunos não estavam compreendendo o que estava sendo proposto. Relatavam ter dificuldades e a maioria acabava se desmotivando e não fazendo a atividade. Corrêa (2016, p. 634), ao analisar as especificidades do ensino EaD, coloca que “a prática docente na educação musical a distância faz emergir dilemas e dificuldades distintos daqueles enfrentados pelos professores da educação musical presencial”. Baseado em Ghon (2011), o autor complementa que o ensino a distância possui especificidades distintas do presencial e afirma que

A distância entre aluno e professor é a mais aparente dentre elas, o que torna uma disciplina de prática de instrumento, por si só, um desafio por seu caráter procedimental. O fato de professor e aluno não compartilharem o mesmo espaço/lugar e tempo/momento de ensino aprendizagem é a primeira especificidade em relação ao modelo pedagógico presencial e também o primeiro desafio posto. (CORRÊA, 2016, p. 633)

Ciente de que as ações virtuais do projeto não se configuram como ensino a distância, identifiquei esse fato do distanciamento de espaço/lugar entre aluno e professor, como elemento comum aos grupos de WhatsApp utilizados por nós para desenvolver as

atividades propostas de forma assíncrona, quando postamos previamente os materiais para serem apreciados pelos alunos, e síncrona, quando fazemos o atendimento virtual nos horários das aulas pré-agendados.

Percebi que os alunos correspondiam melhor às aulas síncronas, ou seja, quando no exato momento do atendimento/aula eles interagem com os materiais didáticos e com as tarefas solicitadas. Antes de observar isso, mandava previamente as lições para que os alunos estudassem, gravassem e enviassem vídeos ou áudios como tarefas, assim como acontece em uma aula presencial quando o professor solicita ao aluno que estude em casa alguma música ou estudos de métodos. Porém, com essa nova proposta, as respostas dos alunos começaram a ser mais positivas.

Um exemplo de atividade com a flauta doce que obteve êxito foi fazer uma composição coletiva com os alunos iniciantes. No momento da aula, cada aluno criou um pequeno trecho musical utilizando livremente as notas da mão esquerda, sol, lá, si, dó e ré, e enviou através de áudios no grupo de WhatsApp. Após apreciarmos e analisarmos a construção dos trechos compostos, os alunos escolheram as partes que mais gostaram. Assim, organizei e partiturei a composição coletiva dando retorno para os alunos no próximo encontro. Os alunos demonstraram satisfação e envolvimento durante todo o processo de aprendizagem.

Dias Melhores Virão

Ester, Ana Júlia, Éder Miguel, Pablo



Partitura da composição coletiva

Ensinar música via WhatsApp em um projeto social é um complexo desafio, uma nova perspectiva a ser experimentada e sistematizada.

Aulas de percussão virtuais: como lidar com a falta de instrumentos?

O OUVIRAVIDA oferta aulas de canto, flauta doce e percussão. Todos os alunos fazem aula de canto e escolhem entre as modalidades de flauta doce ou percussão. Os que optam pela flauta, recebem o instrumento do projeto e podem levar para casa para manter o estudo diário. Os que optam pela percussão, recebem um par de baquetas para poderem praticar os rudimentos aprendidos.

Quando o distanciamento social se impôs em março desse ano, surgiram muitos desafios, entre eles, o de manter a motivação dos alunos de percussão que mantinham anteriormente uma rotina de contato com uma grande quantidade e diversidade de instrumentos percussivos para o desenvolvimento das aulas. O conjunto de instrumentos de percussão que o projeto possui é muito completo, cerca de 70 unidades.

Ao planejar as aulas, enfrento o obstáculo de os alunos não terem instrumentos de percussão em casa, muito menos recursos para adquiri-los. Percebo que o par de baquetas que receberam para estudo não tem sido o suficiente para motivá-los. No intuito de ressignificar esse “vazio” causado pela falta de instrumentos, tenho me debruçado em dois pilares para o planejamento de aulas durante essa quarentena: a percussão corporal e a construção de instrumentos.

Nas aulas de percussão corporal procuro mostrar para os estudantes que eles têm um instrumento sempre consigo, o seu corpo. Exploramos timbres possíveis, adaptamos ritmos que conhecemos ao nosso corpo e também criamos músicas a partir dele. Como explica Simão (2013, p. 35), “A música corporal é um conceito em construção que vem do inglês *body music*.” Complementa que

Nesse universo da música corporal, o corpo é o centro dessa manifestação: ele é o instrumento e o instrumentista simultaneamente, sendo utilizado para tocar e ser tocado. Não existe aqui a separação entre corpo e

instrumento musical, instrumento e instrumentista. (SIMÃO, 2013, p.35)

Nas aulas de construção de instrumentos o foco principal é possibilidade de utilizar objetos e materiais alternativos, simples e baratos, mostrando assim, que é possível cada um ter o seu instrumento usando objetos que já se têm em casa. Além disso, explorar diferentes sonoridades pode contribuir para ampliar as experiências estético/musicais dos alunos.

Com relação à construção de instrumentos musicais com material alternativo, o seu desenvolvimento deu-se não apenas em decorrência da necessidade de ruptura dos artistas, mas principalmente como possibilidade de explorar sons de objetos do cotidiano com intenção musical e de desenvolver instrumentos enquanto objetos estéticos: são as chamadas “esculturas sonoras”. Além da ruptura com padrões estéticos, tem-se como objetivo, segundo os construtores, o seu próprio aperfeiçoamento, a ampliação de possibilidades sonoras para a música e todas as relações que essa experiência pode proporcionar. (GARCIA, 2013, p. 15-16)

Outro fator importante na escolha dessa proposta de construção de instrumentos é o seu potencial de interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento. Garcia (2013) afirma que

Construir instrumentos musicais com material alternativo é uma atividade presente em várias culturas e geralmente concebida como uma atividade informal, lúdica e ocupacional. Utilizada na educação musical de crianças e jovens em diversos países, essa atividade costuma ser realizada conjuntamente com projetos interdisciplinares que abordam, além da música, áreas como ecologia, artes plásticas, matemática ou biologia. (GARCIA, 2013,19)

Embora as abordagens de estudo da percussão através do corpo e da construção de

instrumentos com materiais alternativos propostas para os alunos do projeto tenham uma potência educativa significativa, percebo que oferecer acesso aos instrumentos convencionais pode motivar mais os alunos. Desta forma, em reunião pedagógica foi definida a ação de entregar alguns instrumentos de pequeno porte para os alunos que demonstrarem interesse em praticá-los em casa. Acredito que essa ação trará resultados positivos no sentido de aumentar a participação e adesão dos alunos nas aulas virtuais.

Sustentabilidade do projeto

A equipe de profissionais do OUVIRAVIDA contempla um coordenador pedagógico, um coordenador geral, três professores, uma produtora executiva, uma secretária e uma equipe de comunicação, que responde pela criação de conteúdos mensais para redes sociais e assessoria de imprensa para eventos e ações pontuais.

Entendendo a necessidade e o fluxo de pagamento de impostos do nosso patrocinador, em 2018 o projeto encerrou sua captação via LIC-RS e iniciou um novo ano de realização através da Lei Federal de Incentivo à Cultura. Desde então, o projeto conquistou outros importantes patrocínios, como da Fundação Maurício Sirotsky, ainda em 2018 e do BRDE, em 2019. Ainda em 2019, o projeto foi conveniado com o CEDICA, da Secretaria de Direitos Humanos e Justiça do Estado do RS, que possibilitou a compra de novos instrumentos musicais e o pagamento de atividades culturais extracurriculares para os alunos. Nesta edição de 2020, seguimos com as duas leis de incentivo, dividindo os pagamentos mensais entre elas.

Ao longo desses anos, entendemos a necessidade da busca constante de recursos para manutenção do projeto, além da diversidade de recursos.

Em janeiro de 2019, o projeto foi contemplado com a doação do ingresso solidário do Planeta Atlântida, promovido pelo Grupo RBS. Esse apoio possibilitou a criação de um fundo que tem se mostrado essencial para o pagamento de despesas que não são previstas na lei de incentivo, para manter as folhas de pagamento quando entramos em transição de edições ou ficamos sem captação de recursos. Através dele, também recebemos apoio de

peças físicas e entidades.

A comunicação do projeto é uma grande aliada na captação desses recursos diversos. Ancorada na produção de conteúdo pelos professores e pelo nosso *social media*, o projeto mantém-se ativo nas redes sociais do Facebook e Instagram, e, anualmente, são pensados conteúdos audiovisuais para Youtube como vídeos institucionais e a web série *Vidas Musicadas*, lançada em 2019.

As ações de comunicação foram reforçadas agora que as aulas migraram para o ambiente digital, em função do isolamento social imposto pela pandemia do COVID-19, e permitem que o projeto siga ativo e lembrado por todos nossos apoiadores e patrocinadores, possibilitando sua continuidade.

Considerações finais

Neste relato de experiência foram apresentadas reflexões acerca das vivências de educadores musicais, gestores e coordenadores de um projeto social de educação musical nesse período de isolamento social imposto pelo COVID –19.

Ministrar aulas virtuais de canto, flauta doce e percussão para crianças e jovens da periferia de Porto Alegre através do aplicativo de WhatsApp, constituiu-se como a única alternativa até esse momento, devido a falta de acesso à educação digital imposta a essas comunidades.

Essas novas experiências educacionais experimentadas pelos professores, gestores da educação e da cultura, alunos e seus familiares e a sociedade em geral, apontam para a necessidade de elaboração de políticas públicas de inclusão digital. A necessidade de formação continuada de profissionais da educação e cultura também ganha vulto diante dessa nova realidade.

Referências

BARROS, Matheus Henrique da Fonseca. Educação musical, tecnologias e pandemia: reflexões e sugestões para o ensino remoto emergencial de música. *Ouvirouver - Uberlândia* v. 16 n. 1 p. 292-304 jan. | jun. 2020

BARRÉRE, Eduardo. Vídeoaulas: aspectos técnicos, pedagógicos, aplicações e bricolagem. *Anais do 3º Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2014)* e da 3ª Jornada de Atualização em Informática na Educação (JAIE 2014).

BRASIL. Ministério da Educação – Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP Nº: 5/2020 de 28 de abril de 2020. Dispõe sobre a Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. *Diário Oficial*, Edição: 83/ Seção: 1/ Página: 63.

GARCIA, Daniele Munhoz. Som e vida após a lata: construção de instrumentos musicais com material alternativo / Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2013.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. *Revista da ABEM, Porto Alegre*, V. 10, 43-51, mar. 2004.

SIMÃO, João Paulo. Música corporal e o corpo do som: um estudo dos processos de ensino da percussão corporal dos Barbatuques. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação - Campinas: São Paulo, 2013.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.